

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA: RETRATOS DA IMPORTÂNCIA DO OLHAR *IN LOCO*

João Paulo de Oliveira Pimenta

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP

E-mail: joao.pimenta@unesp.br

Introdução

A pandemia de COVID-19, para além das diversas perdas humanas e econômicas, impôs uma série de dificuldades para que as atividades educacionais pudessem seguir de maneira satisfatória, uma vez que o ensino remoto traz no bojo de sua aplicação muitas limitações que vão desde dificuldades ligadas à qualidade dos equipamentos disponíveis até a, praticamente, necessidade imediata de adequação ao novo sistema, tanto por parte dos docentes quanto por parte dos alunos.

Para além de tais dificuldades, deve-se compreender que as diferentes áreas de conhecimento têm suas especificidades e, como tal, cada uma traz em si uma metodologia que responde melhor em relação ao nível de aproveitamento dos estudos. Este é o caso da formação profissional em Geografia. Trata-se de uma área que, essencialmente, tem como ferramenta de análise a dialética entre a teoria apreendida em sala de aula e a observação feita em campo. A partir desses diferentes olhares, estabelece-se a síntese do fenômeno para posterior análise.

Assim como praticamente todas as outras áreas, o ensino de Geografia precisou sofrer adaptações e, por conta disso, as disciplinas que envolvem trabalho de campo foram seriamente afetadas em relação a essa metodologia, impedindo que a formação tivesse uma carga horária satisfatória de atividades extra classe, ou, neste caso, “extra casa”, já que nem mesmo frequentar o campus universitário era possível.

Tais limitações impedem um processo mais abrangente de contextualização dos fenômenos observados, já que os materiais utilizados são fotografias, filmes, ou seja, materiais que são apresentados aos estudantes se que estes tenham participado do processo de construção destes recursos.

Assim, trazemos para esse texto relatos sobre trabalhos de campo desenvolvidos durante o processo de formação em Geografia entre os anos de 2013 e 2019, destacando a diversidade de experiências vividas por meio de fotografias e trazendo, para além da imagem

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 31-37, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

ISSN: 2176-5774

Ensaio Fotográfico

O trabalho de campo na formação em Geografia: retratos da importância do olhar in loco. João Paulo de Oliveira Pimenta.

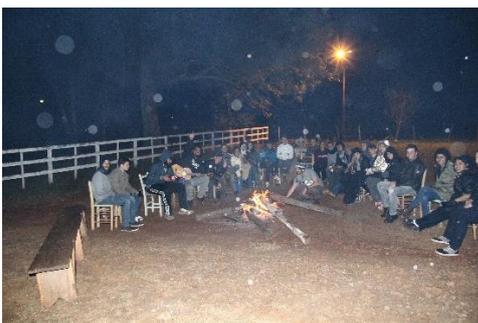
retratada, informações extras, as quais só seriam possíveis de serem compreendidas por quem viveu a experiência *in loco*.

Foto 1: São Miguel das Missões – RS (2014)



Neste trabalho de campo, foi possível visitar as ruínas de São Miguel das Missões-RS, as mais preservadas do Brasil que remetem ao período das missões jesuíticas. Museus locais contam a história de como os indígenas sofreram com a disputa entre Portugal e Espanha por esse território.

Foto 2: São Miguel das Missões – RS (2014)



Ressaltamos aqui a importância dos Trabalhos de Campo para a socialização dos estudantes, uma vez que, nesses momentos, há troca de experiências e o trabalho colaborativo para manter a infraestrutura necessária.

Foto 3: Catalão – GO (2015)



Em Catalão-GO pudemos observar como o agronegócio se instalou no Centro-Oeste do Brasil e, principalmente, as contradições oriundas desse processo ultra modernizado de produção agrícola.

Foto 4: Catalão – GO (2015)



No contexto da expansão do agronegócio, no Centro-Oeste brasileiro, pudemos capturar a imagem de um filhote de lobo-guará (espécie em extinção) fugindo de uma máquina de pulverização de agrotóxicos em meio a uma plantação milho e sorgo.

Foto 5: Catalão – GO (2015)



Ainda visitando Catalão-GO, em uma fazenda experimental, flagramos esse trabalhador que necessita ficar imóvel observando os dados de temperatura e pressão dessa máquina de beneficiamento da produção. A jornada de trabalho prevê horas de observação em uma mesma posição, sem possibilidade de abandono do posto, seja por qual motivo for. Aqui, pudemos discutir as relações de trabalho e suas contradições dentro do ambiente de expansão do agronegócio brasileiro.

Foto 6: Catalão – GO (2015)



Catalão-GO também é um polo produtor de nióbio. Aqui, observamos os impactos da atividade mineradora e pudemos ouvir relatos de assentados rurais vizinhos dos locais de extração e como essa atividade oferece riscos, principalmente em relação à qualidade da água no local.

Foto 7: Quilombo Kalunga-GO (2015)



O Quilombo Kalunga, localizado em Cavalcante-GO, tem seu território cercado por terras onde predominam latifúndios de monocultura no Centro-Oeste brasileiro. A lógica de expansão do agronegócio constantemente exerce pressão para desterritorializar os quilombolas.

Foto 8: Parque Estadual Intervales-SP (2016)



O parque está localizado entre os limites das bacias hidrográficas dos rios Paranapanema e Ribeira de Iguape, estado São Paulo. Dotado de uma grande área de mata nativa e cavernas, o parque compõe uma das poucas áreas de reserva de Mata Atlântica ainda restantes.

Foto 9: Quilombo Mandira-SP (2016)



O Quilombo Mandira está localizado em Cananeia-SP e abriga uma comunidade que vive principalmente da pesca. Problemas como a falta de oportunidade de trabalho para os mais jovens faz com que eles migrem, forçando-os a deixar a comunidade.

Foto 10: Iguape-SP (2016)



Iguape, litoral sul de São Paulo, foi um dos principais portos brasileiros durante o período colonial, entrando em decadência por conta do protagonismo de Santos e Rio de Janeiro. Observamos como as marcas do tempo estão por toda a cidade, que ainda preserva muitas construções históricas.

Foto 11: Galpão da Lua – Pres. Prudente-SP (2016)



Para além dos Trabalhos de Campo, a modalidade presencial de ensino nos permite transformar outros espaços em “sala de aula”. Aqui, estudantes de Geografia Cultural tem aula em uma ocupação feita por um grupo de artistas locais em um galpão abandonado da antiga FEPASA.

Foto 12: Serra da Canastra-MG (2017)



A Serra da Canastra abriga a nascente do Rio São Francisco, um dos principais do Brasil, e sua vegetação campestre é morada de espécies raras de serem vistas, tais como o veado-campeiro. Trata-se de um dos ambientes mais peculiares da nossa biodiversidade.

Foto 13: Ubatuba-SP (2018)

Ensaio Fotográfico

O trabalho de campo na formação em Geografia: retratos da importância do olhar in loco. João Paulo de Oliveira Pimenta.



Em visita ao Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Picinguaba) promovemos a extração de um perfil de solos para observação de visitantes que acessem a sede do parque. Neste caso, retiramos um perfil de uma área de mangue.

Foto 14: Narandiba-SP (2019)



Em Narandiba-SP, os produtores de bicho-da-seda têm sua produção comprometida devido à pulverização aérea de agrotóxicos em plantações de cana-de-açúcar que cercam os assentamentos rurais. Na foto ao lado, um bicho-da-seda morto envenenado.

Foto 15: Campus da FCT/UNESP (2019)



Por fim, ressaltamos a importância das atividades presenciais não apenas porque podemos visitar, mas também porque podemos ser visitados. Neste caso, alunos de ensino público visitando laboratórios da FCT/UNESP

*Todas as fotografias são do autor.

Considerações finais

Neste relato, buscou-se trazer informações adicionais em relação ao que estava explícito na fotografia, evidenciando assim a necessidade da atividade *in loco* para uma compreensão mais abrangente do conteúdo estudado. Embora tenha sido necessário implementar medidas alternativas de estudo por conta da impossibilidade de atividades

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 31-37, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

ISSN: 2176-5774

presenciais, não se pode perder de vista a importância de priorizar sempre uma formação que estimule o convívio social e a apreensão dos conteúdos estudados, não apenas pelo sentido da visão e audição, mas ambientes de estudo também trazem outros elementos como textura, cheiro, frio, calor, uma infinidade de outras informações que não possíveis de serem captadas via tela de computadores ou *smartphones*.

Figura 01. A canoa sobre o Epte, circa 1890 – Claude Monet



Fonte: Acervo do MASP.